

As vezes alguns deles se recordam dos nomes indígenas que receberam ao nascer. Alguns ainda sabem algumas palavras dos dialetos guarani e caingangue. Mas este, de modo geral, é o único traço da cultura primitiva que ainda resiste ao tempo. Declarando-se católico ou crente, casando-se com brancos, realizando enterros igual aos colegas vizinhos, aprendendo nas escolas que o País só foi descoberto com a chegada dos portugueses aqui, o indígena perdeu praticamente todos os costumes próprios. Em troca, angariou os mais pobres hábitos dos ditos civilizados.

3 OS COSTUMES

Povo perdido, sem cultura e memória

Por **ANDRÉ PEREIRA**
Enviado Especial/ZH

Domingos ainda se recorda do nome que lhe deram quando nasceu. Mas ele não se sente à vontade diante do branco para confidenciar a denominação.

"É bichinho do mato: Kembê", diz, apressado, mudando de assunto. "Mas que bichinho do mato, Domingos?"

Domingos Ribeiro, cacique da Guarita crava os olhos no chão, ergue o rosto com vagar e envesa um olhar condenando os risos que adivinha atirar nos lábios dos outros índios. Mas confessa contrafeito: "Kembê é veado, que é nome feio na cidade, não é?"

Os índios, trocelsos, trocam olhares cúmplices mas seguram o riso. E Domingos, passado o momento de envergonhamento, segue a conversa rumando para outros mares.

Kembê ainda se lembra do nome que lhe deram quando nasceu, mas são raros índios que não deixaram se esvaír na memória, como os outros restos de sua cultura, as significativas expressões indígenas com que eram brindados ao nascer. Mas se eles nem nascem mais como antigamente, frutos do parto solitário da mãe na mata, à beira do rio, como quer manter em invisíveis redomas costumes, ideais, princípios, vestígios da cultura original?

Com exceção de escassas palavras dos dialetos guaranis ou caingangues, que trocam entre si em algumas re-

servas menos contagiadas pelo branco, nada mais resta a estes índios de suas origens. A alimentação sem sal, à base de milho e derivados, foi substituída totalmente pelos alimentos que encontram nas bodegas ou nos supermercados. As matas já não contemplam os indígenas com frutas ou caça abundante. Os rios, igualmente corrompidos pelos venenos agrícolas, já não servem de habitação para os peixes. Os índios comem uma comida de branco pobre, regada a cachaca que corre soita nas reservas, desafiando a proibição da Funai. "Tem bebida melhor para enganar a fome e afogar as tristezas?" Indaga o velho José Fernandes, de 76 anos, cambaleando na entrada da reserva de Inhacorá, onde um eficiente chefe de posto, José Gomes, proíbe que se fotografe ou entreviste os indígenas, certamente tentando evitar que ceias como a do velho embriagado, empunhando uma garrafa de camponesa, sejam registradas.

Índio nasce, cresce e vive, casa e morre, tudo igualzinho branco pobre, morador de vila.

No sábado passado, Alcides Ribeiro se enfiou em um terno folgado comprado em parceria com o irmão, mais encorpado que ele, para casar com a cainganga Geneci de Freitas. Posou indiferente para a fotografia, sem saber onde colocar as mãos, com a gola da camisa sobre a lapela do paletó e com a barra das calças, muito compridas, encobrindo todo o sapato. Ela de vestidinho branco, igual moça de Miraguai ou Tenente Portela, na vizinha da reserva da Guarita. O chefe do posto, o branco Jerônimo Braz, esta-

va ausente do posto, visitando a mãe em Frederico Westphalen. Foi um corre-corre danado para achar alguma autoridade competente para celebrar a cerimônia oficial. Cacique não pode, é tutelado, tem que ser autoridade civil branca, reconhecida pelas leis dos homens ditos civilizados.

Só na reserva não oficial de Pei-Kar é que os índios não pedem licença para o branco se querem casar ou enterrar um morto. Ali os caingangues casam entre si, debaixo da bênção do cacique, do coronel ou do capitão indígena.

Enterro de índio só é diferente na sinfonia do choro com que é encenado. Terça-feira última, em Votouro, faleceu Antônio Reis, de 60 anos, vítima de ataque cardíaco. Velado em sua própria casa a partir das 16 horas até às 11 horas do dia seguinte, quando foi sepultado, "o velho Reis" como dizem em Votouro mereceu várias saudações de lágrimas. As vezes as mulheres que carpiam o cadáver pareciam serenar os choros. Mas eis que chega um novo visitante ao velório. Então elas recomeçam, repentina e ensaiadamente, um chorar cantado, no qual se prolongam os gritos.

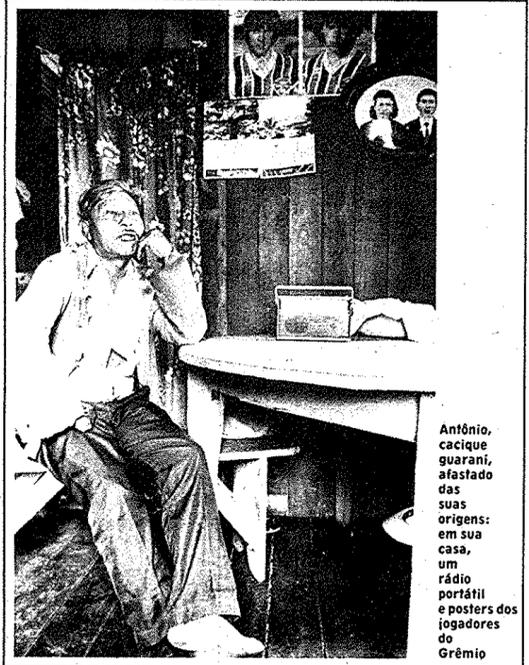
O enterro segue para o cemitério dos índios, construído nos moldes do cemitério branco. A professora branca da escolinha — como outros brancos vizinhos que acompanham os índios — retém o cortejo: "Vamos rezar o terço para encaminhar a alma ao seu destino", ensina ela. O cortejo ruma para a igreja próxima. Sóis da reza branca "o velho Reis" pode ser enterrado em paz com seus ancestrais.



Alcides Ribeiro e Geneci de Freitas: índio é tutelado e precisa da autorização dos "brancos" para se casar



Os caciques Ivo e Domingos (abaixo)



Antônio, cacique guarani, afastado das suas origens: em sua casa, um rádio portátil e posters dos jogadores do Grêmio



Grupo de índios de Pei-Kâr: autonomia própria

Cacique está pregando a palavra divina

Mesmo na recém descoberta aldeia de Pei-Kâr alguns indígenas declaram-se crentes, entre a maioria que se diz católica.

O cacique Ivo Sales Ribeiro, de Irapuá, é pregador da Assembléa de Deus. Aos domingos costuma aparar o bigode com esmero, vestir calça preta contrastando com camisa branca e dirigir-se ao púlpito do templo da Assembléa de Deus que construiu perto de sua casa, no centro da aldeia. Aos gritos, o corpulento Ivo exorta seus comandados a manterem-se obedientes à regra de Deus.

Invariavelmente há poucos índios homens assistindo à pregação. A maior parte dos fiéis são mulheres, que carregam crianças e bíblias nos braços. Seu Estado-Maior — o major, o capitão e o sargento — nunca falta ao sermão dominical.

Um dia antes, para sentir-se purificado para pregar a palavra divina, Ivo pratica um ato bondoso: manda abrir as portas dos dois cubículos de madeira que utiliza, aos moldes dos brancos, como cadeia para os índios que julga mal-comportados.

Depois da pregação, o cacique passa o resto da tarde saboreando bergamotas com as mulheres e membros do Estado-Maior, no pátio de sua casa. Seu Passat e as duas camionetas descansam da função diária em garagens bem abrigadas. Com o relógio dourado no pulso esquerdo, descrevendo gestos enérgicos no ar, deixa a pregação religiosa para criticar a Funai, lamentar a carência de tratores na reserva ou especular sobre um aumento no preço dos 140 contratos de arrendamentos mantidos na área ao valor médio de Cr\$ 70 mil por hectare.

Domingos Ribeiro, o cacique da aldeia vizinha da Guarita, não prega aos domingos. Mas nas últimas eleições, em 1982, concorreu ao cargo de vereador pelo PDS de Tenente Portela. Não conseguiu se eleger. Aos domingos, o cacique inimigo de Ivo gosta de tripular sua camioneta Brasília e ir à cidade tomar cerveja no Restaurante Kramatheck. O dono do restaurante sabe que a legislação proíbe a venda de bebida alcoólica para os índios. Mas defende-se argumentando que não pode pedir identidade a todos os fregueses que entram no seu estabelecimento pedindo cachaca ou cerveja. Depois, se o cacique Domingos servir para ser candidato a vereador porque não po-

de ser adulto o suficiente para tomar seus copinhos de cerveja?

Em Inhacorá, quem dá aulas para os índios é a esposa branca do chefe do posto, Marta Gomes. Ela possui um monitor, o índio Dario Sales, que ensina no turno matinal, em caingangue. "As palavras são quase igual em uma e outra língua", explica Dario. Estranhamente, seu nome indígena, Minshu, quer dizer coelho em português. Onde está a semelhança?

Em Irapuá e Guarita há monitores índios e professores cedidos pelo município de Tenente Portela e Miraguai. Aliás, o prefeito de Miraguai, Jorge Porolnick dos Santos, anda usando os professores para chantagear a Funai. Como o acordeonista Jorginho é favorável aos arrendamentos ilegais das terras indígenas, ele anda ameaçando retirar os professores que emprestou à reserva, se a Funai continuar insistindo em acabar com o aluguel das terras.

De qualquer modo, enquanto tais ameaças não passarem de conversa fiada, suas professoras continuam

ensinando aos índios que o Brasil só foi descoberto em 1500 pelo português Pedro Álvares Cabral.

Raramente há água na casa dos índios agrupados nos centros das reservas, perto da residência do cacique e do posto da Funai. Mas praticamente todas exibem antenas de TV sobre os telhados carcomidos.

Na reserva de Nonoai, a prefeitura conseguiu uma perfuradora da Sudeul para tentar fazer um poço artesiano. Escavou-se o chão até 203 metros e nada de água, no local escolhido pelos geólogos. A perfuradora mudou de lugar na semana passada à procura da água.

Os rios que aproximam-se das reservas são barrentos e venenosos. Não há peixes. E um perigo tomar dessa água que escorre das lavouras vizinhas, abarrotadas de venenos agrícolas.

Alguns acreditam que a água poluída é culpada pelas desinterias e diarreias frequentes entre a população indígena. Mas certamente não foi culpada pela morte de três crianças, vitimadas pelo sarampo, este ano, em Nonoai.

Como Domingos Ribeiro, muitos acreditam que o índio morre enfraquecido de fome mesmo.

Em geral, as reservas possuem enfermeiros. Para consultar médico ou receber atendimentos em hospi-

tais tem que se deslocar para as cidades mais próximas e enfrentar filas nas salas de espera da Previdência, com a qual a Funai faz convênios. Em Pei-Kâr os índios contam que nunca funcionou convênio algum. Eles precisam pagar consultas, como qualquer branco. Talvez por isso a parteira Laurinda ainda tem seu trabalho assegurado na aldeia. Em outras reservas, as índias já se habituaram a procriar em camas de hospitais ou de ambulatórios.

Antigamente, os índios escolhiam seus caciques reunindo os sábios conselheiros. Em Inhacorá, o velho cacique Francisco Fong, de 80 anos, simplesmente entrou em acordo com o chefe do posto da Funai para indicar o tratador Antônio Cipriano, funcionário da Funai, para sucedê-lo.

Em Guarita, depois que o velho cacique Sebastião Alfaiate, acusado de corrupção, foi transferido para o posto de Ligeiro, indicou-se Ivo Sales Ribeiro que devia chamar-se Ivo Claudino, mas que foi criado pela avó do clã Ribeiro. Seu capitão, Domingos Ribeiro, nunca concordou com a escolha. E assim provocou o golpe de estado que resultou em mortes e na divisão da área, no ano passado, em duas reservas, Guarita e Irapuá.



Morte em Votouro, com as bênçãos da Igreja Católica

Guaranis desconhecem totalmente suas raízes

Os guaranis parecem ainda mais distantes de suas raízes. Povo nômade originário do Paraguai, os guaranis sentaram raízes no interior das reservas. Mas é falso dar crédito à crença geral de que, menos afetados ao contato com o branco, estão escondidos nas profundezas da mata.

Caíri da Silva, chefe de 15 famílias na reserva de Guarita, pode ser encontrado no seu casebre às margens da estrada que liga Tenente Portela a Miraguai, exibindo no pulso do braço esquerdo seu brilhoso relógio Citizen.

Antônio Mariano, guarani de 70 anos da reserva de Votouro, em São Valentim, não fixou-se na beira da estrada. Mas é fácil encontrá-lo vencendo alguns quilômetros de mata dentro. Casado com uma mestiça de descendência caingangue, Juraci, o velho Mariano parece ter enterrado com o pai, o índio paraguaio José Mariano, falecido no mês passado no Paraná, as últimas nuances da cultura original.

Seus filhos são casados com loiras mulheres brancas. Oride com uma polaca, Oriete Zeffler. Alevino desposou Loretta Matiello, catarinense de origem italiana. Jair, o mais novo, também casou com uma brasileira. As três filhas, Maria, Jandi e Tereziinha, saíram da reserva e rumaram

para Porto Alegre, de onde escreveram contando que casaram com brancos e trabalham como empregadas domésticas.

O que resta, então, nesta miniatura de reserva chamada pomposamente de Toldo Guarani? Antônio, cacique dos três filhos, como ele próprio diz, brincando com o ridículo, sentado na sala de sua casa, diante de um rádio portátil e de posters de jogadores do Grêmio.

Plantam milho, feijão, arroz do seco. Tomam café preto, renegam o leite. Juraci faz pão de milho no forno, relembrando os tempos antigos, mas Loretta gosta mesmo de polenta e macarrão, como os loiros netos do velho Mariano.

Mariano nem recorda direito do quer dizer seu nome indígena, yokadhu. E a esposa Juraci, caingangue, que tem que ajudá-lo a traduzir para Relâmpago.

Juraci tem que saber a língua guarani. Quando conheceu Mariano em Nonoai, há 40 anos, teve que aprender. Necessitou batizar os filhos, por exemplo, na língua guarani também. Mas antes precisou descobrir o que queria dizer a expressão repetida com que Mariano contemplava seus encontros. Descobriu que significava moça bonita aquele insistente cubna tai porá!



Loretta Matiello, catarinense de origem italiana, casada com índio guarani

Amanhã: A situação nacional